

# Resenhas



## O Caos, o Osso e a Vaca: ou a Teoria do Caos Segundo Zuca Sardan

Yara Frateschi Vieira

Conta-se que certo doutorando brasileiro em universidade americana, chamado a fazer sua primeira exposição oral num dos cursos, ao referir-se à *chaos theory* (teoria do caos) pronunciava a palavra “*chaos*”, aportuguesadamente, “*kaws*”, em vez da pronúncia inglesa “*keiós*”. Resultado: os ouvintes entenderam que ele falava de uma até então desconhecida “teoria das vacas”. Essa história me veio à lembrança ao ler o livro de Zuca Sardan, *Osso do coração\**, primeiro porque o equívoco é um dos procedimentos preferidos do poeta e depois porque o caos é realmente a regra que rege o seu mundo poético. Assim, posso até imaginar que um dos “Repentes minimalistas”, “traduzidos pr’o alemão” tivesse um título semelhante ao que encima este texto, algo como “A vaca, o osso e o caos”, ou então, “O osso, a vaca e o caos”, ou ainda “O osso, o caos e a vaca”, ou...

A primeira impressão do leitor diante do livro é que está diante de um universo coeso: lê uma poesia satírica, paródica, cômica, que se harmoniza bem com o aspecto gráfico de publicação artesanal, à margem do mercado editorial.

O caráter caótico desse mundo aflora, porém, quando o leitor começa a colocar certas questões ao texto e ao livro, já mesmo enquanto material visual. Assim, chama a atenção logo de início o fato de as gravuras de punho do próprio poeta se alternarem, ou às vezes mesmo se sobreporem, completando-se, as xilogravuras obviamente retiradas de folhetos ou de livros publicados entre os séculos 16 e 18, algumas das quais conservam o carimbo da biblioteca em que se encontram — embora o nome da biblioteca esteja apagado em todas.<sup>1</sup> Muitas das xilogravuras poderiam ter saído de livros de emblema, por serem visivelmente alegóricas, e algumas podem ter estado em obras alquímicas.<sup>2</sup> O caráter artesanal dessas gravuras é bem marcado no livro e combina com a mancha impressa do texto da página, já que cada poema é batido à máquina, em tipos diversos, dentro do enquadramento tosco, às vezes imitando — mas não realisticamente — uma página rasgada.

O livro quer-se, portanto, artesanal, e aponta para uma etapa pré-revolução industrial na história da difusão da informação. Os textos autodenominam-se “repentes”, “spholhetos”, “folhetões”, acotovelando-se freqüentemente o caráter literário ao do “pregão”, que anuncia as virtudes materiais e espirituais do folheto e estimula o leitor a comprá-lo e usá-lo para os mais variados fins. Esse rosto arcaico do livro, combinado com o recurso ao pastiche, inclusive ortográfico, à paródia e ao rebaixamento, não deve, porém, ser confundido com um suposto caráter não elitista da cultura e da poesia; pelo contrário, aponta para uma erudição de quem está familiarizado com bibliotecas — e boas — e um universo cultural bastante sofisticado. O leitor passa a perguntar-se: afinal, qual é a direção privilegiada desse movimento para fora da circulação editorial? Trata-se de um rebaixamento da “alta” cultura, ou de uma elevação da “baixa”? É um movimento de autonomia, ou um movimento nostálgico? E esse poeta diplomata, onde é que se situa — do lado de cá ou de lá da cultura de elite?

---

\* Zuca Sardan (Carlos Felipe Alves Saldanha). *Osso do coração*. Campinas, Unicamp, 1993. Coleção Matéria de Poesia.

<sup>1</sup> Por exemplo, cit., p. 19 e 21.

<sup>2</sup> Ver cit., p. 11, 49, 161 e 181.

O princípio de combinação caótica que preside à composição de grande parte dos poemas ajuda-nos a decifrar melhor esse “enigma egypcio” que o livro explicitamente coloca. O epicentro exemplar desse princípio encontra-se no conjunto de poemas que se abre com a “Polka da velha dama”, construído sobre o princípio estrutural do livre intercâmbio através da similaridade fônica ou da livre associação de idéias. Esses poemas nos ensinam que tudo pode ser tudo, ou transformar-se em qualquer outra coisa: o gato preto — o gato de touca —, a dama de touca de flanela — a dama de botas, a dama de chinelas, etc. Basta uma leve similaridade para que se estabeleça a identidade, muitas vezes baseada no equívoco: assim, a semelhança fônica (para o ouvido de um falante do português) entre “Port Royal” e “pó Royal” está subjacente ao equívoco criado pelo poema “Cultura enlatada”. O princípio da combinação caótica permite que Hans Brummel, o Rato do Deserto, acabe por ser um brasileiro, nascido em Blumenau, e autor de poesias líricas em português macarrônico com “considerável carga germânica”.

Spitzer, no seu estudo sobre a numeração caótica da poesia moderna,<sup>3</sup> vincula esse traço estilístico da poesia moderna ao desaparecimento das fronteiras entre classes sociais no século 19 e à conseqüente “democratização” não só humana mas também das coisas. O seu estudo nos mostra também como a enumeração caótica moderna é filha da enumeração caótica da liturgia cristã, tratando-se, portanto, de um recurso tradicional cuja função varia de época para época ou mesmo de poeta para poeta, podendo acentuar a desorganização do universo, ou então enfatizar exatamente o seu contrário, ou seja, o “cosmo”, a ordem universal que harmoniza os extremos os mais contraditórios.

O princípio da combinação caótica seguido por Zuca Sardan incide, preferencialmente, sobre o tema da aquisição e difusão da cultura. Nesse sentido, está em sintonia com o seu tempo. Neste momento em que a informação se difunde eletrônica e instantaneamente por todo mundo, e em que se torna quase impossível digeri-la com vagar para refletir sobre ela, Zuca Sardan oferece-nos um livro “arcaico”, com um leve sabor nostálgico dos tempos d’antanho, em que a cultura se fazia artesanalmente. No entanto, o princípio estrutural que sustenta o livro — o “osso do seu coração” — é exatamente o princípio da desestruturação, da entropia, do caos. O que o livro coloca nas nossas mãos é o próprio produto da ação da cultura contemporânea não só sobre a cultura artesanal do passado, mas também sobre a informação que está a ser produzida no momento em que o livro é posto em circulação. Um mundo altamente informatizado mas caótico, sem hierarquias. Um mundo em que uma personagem política da importância do Rato do Deserto pode ser, por um furo de reportagem, também um filho de imigrante, protagonista de romance orientalizado — dublê de Rodolfo Valentino no papel de “sheik”, guru religioso e autor de poemas líricos em português germanizado. Um mundo em que a Verdade será inscrita no “osso” do coração do rei Ricardo (Coração de Leão?), mas só depois que todos tiverem morrido, e o cão Piloto “herdará o osso e esconderá num buraco, no fundo do quintal”. Nesse sentido, o livro de Zuca Sardan aproxima-se dos almanaques antigos que traziam o horóscopo, e o poeta figura de astrólogo que nos oferece o prognóstico apocalíptico da entropia final — da qual ele já é um exemplo vivo.

Passamos, então, a entender o sentido das xilogravuras alquímicas rebaixadas: este é o poeta alquimista que transforma o ouro (?) em matéria bruta.

---

<sup>3</sup> Spitzer. La enumeración caótica en la poesía moderna, in *Lingüística y historia literaria*. Madrid, Editorial Gredos, p. 295-355.